

MÚSICA

POESIA E MUSICALIDADE NO PORTO VERÃO ALEGRE

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

A estreia da nova turnê do cantor, compositor e multi-instrumentista Duca Leindecker acontece dentro da programação do 27º Festival Porto Verão Alegre (PVA), com duas apresentações no Teatro Unisinos (av. Dr. Nilo Peçanha, 1600) nesta quinta e sexta-feira, sempre às 20h30min. O show - que contará com recursos de audiodescrição no segundo dia - marca o lançamento do álbum mais recente do artista, *Tudo que se tem*, disponível nas plataformas digitais desde outubro de 2025. Os ingressos custam entre R\$ 25,00 e R\$ 120,00 e estão à venda pelo site oficial do PVA.

Acompanhado de Eduardo Bisogno (teclados), Mauricio Chaise (guitarra), Claudio Mattos (bateria), Fabio Bollico (percussão), e do filho Guilherme Leindecker (baixo), o vocalista e guitarrista irá executar um repertório de cerca de 20 músicas, incluindo sucessos antigos e as dez faixas de seu novo disco. Registrado em estúdio durante o período em que o artista gaúcho viveu nos Estados Unidos, *Tudo que se tem* surge depois de sete anos de hiato após seu último álbum de inéditas, *Baixar Armas* (2018). As gravações ocorreram no Mountainside Studio, localizado em Charlottesville (Virgínia).

Inspirado pelo recente LP *Pedidos*, o trabalho apresenta canções que combinam a delicadeza do violão de nylon com a força do rock, resultando em um misto de poesia e musicalidade - características que marcaram a trajetória de Duca Leindecker à frente da banda Cidadão Quem e do projeto Pouca Vogal, desenvolvido em parceria com o baixista Humberto Gessinger, do icônico grupo Engenheiros do Hawaii. "O MPB é minha raiz: comecei tocando esse gênero em bares; depois veio o turbilhão de rock", destaca o guitarrista, que também integrou nos anos 1980 bandas como a Prize e Bandaliera. "Nes-

te disco, que mistura os dois estilos musicais, além das minhas composições inéditas, tem também uma música do meu filho, Guilherme, intitulada *Fogo*, e outras duas faixas que assino em parceria com o Gessinger (*Calm* e *De volta pra casa*), com quem tenho uma química muito legal."

De acordo com Leindecker, o que o público irá assistir no Teatro Unisinos será um "show com uma estética diferente, mas que continua com a essência das canções" antigas do compositor, a exemplo de *Pinhal* e *Dia especial* (ambas do tempo da Cidadão Quem). "Em uma das músicas, eu vou tocar o quince, um instrumento de cordas que o meu irmão (o baixista Luciano Leindecker, falecido em novembro de 2014) fez pra mim", destaca o guitarrista.

A escolha pelo palco do festival para dar o pontapé inicial na turnê também passa pela relação afetiva com a capital gaúcha no verão. Segundo Duca Leindecker, a intenção é aproveitar a cidade em um momento de efervescência cultural, apresentando uma proposta que rompe com o formato de *power trio* de seus trabalhos recentes. "Muda tudo. Conceitualmente o Triângulo era um trio de rock, agora subiremos ao palco com uma super banda, com piano, teclado e percussão. É um show muito vivo, com cenário e figurino totalmente diferentes do que eu vinha fazendo", adianta. A nova identidade visual, inclusive, dialoga com a capa do disco, descrita pelo músico como uma obra rica em detalhes e informações.

A sonoridade do álbum foi gestada durante a estada do compositor na Virgínia, onde o isolamento e os novos ares serviram de motor criativo, remetendo a outros momentos de distância geográfica em sua carreira, como quando escreveu seu primeiro livro, *A casa da esquina* (1999) moran-

do no Rio de Janeiro. Para a conclusão da obra, o músico investiu em um novo estúdio próprio, construído especialmente para a finalização deste trabalho. "Eu sempre fui metido com essas coisas mais técnicas, e sobrepor e processar múltiplas faixas de áudio faz parte da obra de arte. É como tu equilibras os instrumentos", revela o artista, que assina a mixagem das dez faixas.

Conforme Leindecker, a presença de Guilherme no baixo e dividindo os vocais em *Fogo* adiciona uma camada emocional extra às apresentações. Para o pai, ver o filho assumindo o posto que um dia foi de seu irmão é um movimento simbólico.

"Ele assumiu aquela posição com muita dedicação e toca muito parecido com o Luciano. Isso tem uma força muito grande para mim", confessa. Com letras que abordam o valor do tempo e das relações, o novo repertório convida o público a uma pausa para a reflexão,

como na canção *Página 1*, que analisa os rumos da humanidade. Leindecker pontua que o hiato de sete anos sem inéditas foi fundamental para alcançar essa maturidade: "Tem que

ter esse tempo. É um disco muito rico e estou muito feliz em poder mostrar essas músicas que levamos três anos criando e gravando."

